

Lojas Africanas: um Sul que é negro na escola

Comunicação

Dulcimarta Lemos Lino
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
dulcimartalino@gmail.com

Paula Cristiana Emcke
Universidade FEEVALE
paulaemcke@yahoo.com.br

Resumo: A comunicação apresenta recorte da pesquisa em andamento “Música(s) na(s) escola(s): conversações em criação (Lino, 2021) na temática da formação continuada de professoras em educação musical. No contexto das culturas negras afrodiaspóricas a pesquisa tem como metodologia as “conversas” (Skliar, 2020), com o objetivo de compor, expor e compartilhar percursos narrativos com música na escola pública da infância, potência criadora de transformação social. Os resultados articulados dentro do currículo escolar afirmam a potência territorial do corpo em performance como resistência “contracolonial” (Santos, 2023) que, ao “capoeirar o pensamento” (Santosb, 2019), experimenta a cultura negra gaúcha e (re) conhece seus movimentos de presença e confluência política e epistemológica.

Palavras-chave: formação de professoras em música; educação musical contracolonial; culturas negras e infância.

Lojas Africanas

LOJAS AMERICANAS é interferência do artista visual negro gaúcho Leandro Machado (Porto Alegre, 1970) que provoca a formação continuada em educação musical da pesquisa “Música(s) na(s) Escola(s): conversações em criação” (Lino, 2021). No contexto dos valores civilizatórios coloniais impostos às culturas negras gaúchas, a presente comunicação apresenta recorte da pesquisa em andamento na formação continuada em educação musical. Com o objetivo de compor, expor e compartilhar percursos narrativos com música na escola pública da infância a investigação realiza encontros semanais com professoras para ampliar e fortalecer a presença das culturas negras locais e suas musicalidades.

A pesquisa parte do convívio com as musicalidades produzidas por lideranças negras locais, comunidades quilombolas e mestres griôs para subsidiar argumentação reflexiva e efetivar outros modos de fazer-pensar as culturas negras na escola. O encontro na Casa de Cultura Mário Quintana das professoras em formação com o artista plástico Leandro Machado vestindo a camiseta de algodão branco com serigrafia vermelha grafada LOJAS AFRICANAS,

movimentou uma multiplicidade de reflexões em educação musical. A obra faz parte da coleção “Arte Negra na Escola” (Veras, 2018), materialidade didática produzida na universidade para subsidiar a afirmação e fortalecimento racial das culturas negras do sul, potentes em (re)criação de “africanidades” (SILVA, 2009). Leandro nos conta que, “ao trocar a palavra Americanas por Africanas sugere a ressignificação da logomarca, provocando nossa maneira de entender as relações sociais e de trabalho envolvidas no pertencimento geopolítico e cultural da empresa” (Veras, 2018, p.35).

Ao compreender com Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva¹ que o termo “africanidades” refere-se “às raízes da cultura brasileira que tem origem africana”, as professoras em formação continuada se envolveram no silêncio produzido pela obra. Se entendemos uma loja como lugar destinado a exposição de uma variedade de produtos e serviços aos consumidores, passamos a nos perguntar “onde, no currículo escolar investigado, encontramos africanidades, em especial musicalidades de um Sul que é negro? Onde experimentamos nossos maçambiques, quicumbis, batuques, candombes? Que narrativas o toque encantado de nosso corpo-território (Miranda, 2020) tem expressado, compartilhado, (re) memorado, escutado, (re) criado, promovido, enquanto resistência poética ao poder colonial e racista instituído?

Mais que confrontar os limites da razão dominante institucionalizada na escola pública da infância, nossa proposta investigativa tem na formação continuada tempos-espacos definidos para habitar e conviver com territórios negros. Nessa experiência, ensaia formas de compartilhar, nas brechas deixadas no cotidiano escolar, modos de pensar-fazer que enfrentam a continuidade de pedagogias racistas e coloniais ainda vigentes no contexto escolar investigado (Lino, 2021, p.34). A pesquisa entende que “para identificar, conhecer e compreender africanidades há que conviver com pessoas negras que reconheçam seu pertencimento étnico-racial enraizado na África” (Silva, 2009, p.44).

Ao pesquisa toma o *CORPO* como suporte de memórias, saberes, matriz primeira e potência motriz de aprendizagem. O conceito de *incorporação* circunscrito cientificamente por Rufino (2017) na “Pedagogia das Encruzilhadas” invoca e encarna as potências da divindade iorubana Exu, trazendo pra roda de conversa a dimensão dos saberes praticados, aquele que

¹ Petronilha B. G. e Silva foi a primeira negra a ocupar um cargo no Conselho Nacional de Educação, além de ter sido a relatora da lei 10.639/2003 que tornou obrigatório o ensino de historia e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas do Brasil.

para se manifestar precisa do suporte físico-corpo, sem separações. Sapiência de um corpo vibrado com mandinga, nos tons da magia e do encantamento e seus efeitos na formação de um mundo múltiplo e inacabado que, no “balaio de múltiplos conceitos” se contrapõe a arrogância e a primazia de modos de aprender e ensinar edificados pela lógica colonial (Simas; Rufino, 2018, p. 86).

Como afirma Abramowicz et al. (2006), abordar as relações étnico-raciais na escola da infância não significa tratar de um grupo específico e sim, da interação e confluência entre os diversos grupos. Nossa construção não parte da substituição de uma educação eurocêntrica por uma “afrocêntrica”, mas entendemos ser necessário repensar o currículo partindo de nossa realidade localizada e das conquistas laboriosamente adquiridas (Brasil, 2003; Brasil, 2009). Reconhecer a música das culturas negras locais, sem desconsiderar as contribuições históricas e culturais dos povos indígenas, asiáticos, africanos e europeus. *Com Posição* a pesquisa pretende apresentar algumas possibilidades de convivência contracoloniais e contra-adultocêntricas experimentadas nos modos de pensar-fazer das professoras na escola pública da infância (Santos, 2023, p. 89) ao “capoeirar o pensamento” (Santosb, 2021), desde o Sul.

Formação continuada em educação musical

Querem que a gente saiba
Que eles foram senhores
E nós escravos.
Por isso te repito:
Eles foram senhores
E nós escravos.
Eu disse fomos.²

Num momento histórico onde acabamos de viver a produção da maior catástrofe hidrogeoclimática e socioambiental no Rio Grande do Sul, conceber uma investigação que repense profundamente as bases de nosso processo civilizatório e as implicações para a educação torna-se palavra de ordem científica. *Não temos mais senhores e escravos?! Como* pesquisadoras de ofício, os insistentes processos de expropriação dos bens culturais e naturais e o controle territorial das formas de colonização das mentes e auto-colonização, onde os próprios colonizados criam relações de dependência com as estruturas e culturas coloniais

² OLIVEIRA, Silveira. COLIMA, Paulo (Org.) Antologia Contemporânea da Poesia Negra Brasileira. São Paulo: Global Editora, 1982, p.103.

(Fanon, 2008) têm estruturando nossa ação investigativa na formação continuada de professoras da escola pública da infância.

Nesta conjuntura, aproximar e apreender a produção de uma variedade de lideranças negras locais tem contribuído para desmistificar a imagem do gaúcho como tipo social branco. O gaúcho também é negro! Diante da patologia racial que invade a escola pública investigada, buscamos revigorar nossa força vital e remediar as marcas, feridas ou chagas (Fanon, 1969) construídas sobre visibilidades perversas, mantidas na colonialidade (Quijano, 2005). Nessa caminhada, (re)conhecer o intelectual e militante negro gaúcho, Oliveira Silveira e seu corpo poeta tem favorecido a superação do “caráter autoritário do atual Estado Democrático de Direito”, para que toda e qualquer proposta de mudança seja exaustivamente debatida, “respeitando-se as mais diversas formas de linguagem e de comunicação” (Santos, 2023, p. 99).

As cicatrizes profundas tatuadas pelo trabalho escravo das charqueadas pelotenses na sociedade gaúcha têm a educação musical como uma das muitas estratégias de resistência poética “contracolonial” (Santos, 2023). Para Nêgo Bispo, contracolônizar é força corpórea mandigueira das pernadas, guingas, esquivas, ebós, corpos fechados para pulsar novos imaginários. Contracolônizar não se relaciona meramente à subversão da lógica colonial, mas sim ao passa pé, ao drible, ao tombo na subida (Santos, 2023). “Contracolônizar é a capacidade contínua, perspicaz e tática de contrariar a lógica e o padrão dominante. (...) Ato confluyente que implica sensibilidade em tecer diálogos nas diferenças com responsabilidade” (Santos et al, 2022, p. 70), porque contracolônizar “é atitude de batalha e espiritualidade guerreira” (Santos et al, 2022, p.71) que contempla gramáticas e tecnologias comunitárias para remontar resistências contrárias à “produção do esquecimento e ao quebranto imposto pelo olho gordo da dominação colonial” (ibidem). Corpos em presença que tem como lição SER OUVINTES, das matas, do chão, das águas, dos céus, dos espíritos.

Experiência que pode alicerçar seus começos linguageiros na convivência cotidiana da escola pública da infância. Território potente para driblar o complexo político e epistemológico dos “cruzos transatlânticos limitados à razão cultivada pela normatividade ocidental que exige tapar os ouvidos e fechar o corpo para o carregamento disciplinador, normativo e domesticador da música na sociedade” (Simas; Rufino, 2018, p. 11). Desterritorialização ética e estética de um corpo que “capoeira o pensamento” (Santosb, 2019, p.23) porque abraça a sabedoria encantada dos “*kumba*, esses poetas feiticeiros das palavras” (ibidem, p. 5) que tocam a existência do sagrado, ou melhor, as noções vigentes de

ancestralidade e de encantamento (Simas, 2021, p.12). Reposicionamento de perspectivas ainda pouco creditáveis de povos subalternos que em coletivo se conectaram à força cíclica do universo desenhando gestos que expressam saberes e reinventam sentidos no mundo para ritualmente, em convivência SER o som juntos, compondo modos de enfrentar, resistir e celebrar a vida numa miríade de dimensões.

O músico e filósofo Tiganá Santana Santos afirma que “capoeirar o pensamento é invenção singular que pela escuta se faz corpo e toca a palavra dos espíritos: o sagrado” (Santosb, 2019, p.123). A capoeiragem do pensamento, proposta por Santosb (2021, p. 85), sublinha a relevância do território do jogo como dimensão expressiva de um certo modo de se colocar no mundo e estar ante a verticalidade de si. O brincar e jogar na roda afirma parceria. Estamos juntos em escuta. Temos um adversário, que ao contrário do mundo capitalista, não quer o poder da vitória que aniquila o parceiro, mas carrega o desafio de convidar o corpo a gingar, coreografando passos que escutam as palavras dos espíritos. Ao “capoeirar o pensamento” (Santosb, 2021, p.123), colocamos o corpo em estado de encontro com o território sagrado do outro. Território que toma “o corpo no ar do mundo de forma simultânea à irrupção de um mundo a partir do corpo – a partir, portanto da encarnação da mobilidade do que vive” (Santosb, 2021, p. 85). Momento em que a imaginação se nutre do território sistêmico de relações tecidas em *conjunto* nas *Mu Kânda* (dentro das comunidades). Possibilidade de penetração da cultura negra na experiência multidimensional que insistentemente afirma “não há criação fora de conjunturas coletivas” (Santosb, 2019, p. 9).

Ao se distanciar de práticas pedagógicas que objetivam uma lógica cumulativa individual, linear e progressiva do conhecimento e da aprendizagem musical, promovendo o controle e regulação musical por meio das relações e competências do mercado financeiro, nossa investigação construiu com as professoras da escola pública da infância sua formação continuada. Habitamos a secretaria municipal de educação da rede pública por um ano, para escutar as perguntas, necessidades e interrogações das professoras (Lino, 2021).

Artesanalmente fomos definindo, as dimensões contracoloniais de “capoeirar o pensamento” (Santosb, 2021, p.123) urgentes em nossa formação continuada em educação musical. Ressaltamos que nosso corpo é território e está em movimento, em permanente (re)territorialização. As professoras reivindicaram uma formação territorializada, que amansasse o giz, resignificando a escola pública e reconhecendo os valores e os múltiplos

elementos de cada corpo-território, como lugar potente de articulação entre saberes das culturas, que nos alimentam, nos ensinam e nos constituem.

Sem compreender as crianças na perspectiva adultocêntrica da incompletude e imperfeição a formação continuada em educação musical está sendo construída em travessia com o objetivo de experimentar modos de pensar-fazer música de culturas negras na escola. Nossa formação não prescreverá apostilamentos, receituários com atividades dirigidas adaptadas às fases do desenvolvimento cognitivo e musical das crianças, tampouco acompanhará os modos evolutivos de suas competências musicais.

Portanto, dentro do campo fenomenológico, a pesquisa em andamento toma a conversa como metodologia investigativa porque entende que somente é possível aprender por meio da conversação. Define a conversa como “um modo legítimo de investigação, de relação social e experiência de pensamento porque implica uma forma especial de prestar atenção, de inquietar-se e indagar-se a partir da experiência, da vivência, das falas do outro” (Skliar 2020, p. 18). Conversar para *com-viver*, essa “palavra-corpo que se desloca entre a incomodidade e a distensão, entre a procura e a desatenção, entre a respiração e a asfixia” (Skliar, 2020, p. 30). Estar juntos, querendo fazer respirar a escola pública da infância e suas hereditárias exclusões.

Desde a pedagogia a formação continuada interpela dimensões política e epistemológicas complexas e plurais ao reunir narrativas constituídas por este pequeno grupo que ensaia *conversações em criação* para “dar forma e visibilidade à possibilidade do viver junto” (Nancy 2015, p. 173). Ação de resistência poética que pode nos situar “sendo-uns-com-os-outros” (Nancy, 2015, p. 174) em coexistência mundana, se arriscando a tecer modos de pensar-fazer afrodiaspóricos. Potência da música em rede que busca *confluência* da cultura negra às professoras, às crianças da escola pública de educação infantil, aos acadêmicos e aos pesquisadores no percurso de estudos criado na formação continuada em educação musical no projeto de pesquisa.

Logo, o projeto *Música na escola: conversações em Rede* (Lino, 2021) é concebido “na lógica da coletividade” (Bueno, 2022, p. 166), escutada na voz de *Iyalorixá Sandra* que, ao lutar pelo direito de ser quem é: um ser coletivo, se contrapõem a continuidade da função colonial e civilizatória musical, alicerçada nas matrizes de formação colonial instituídas nas relações de produção capitalista patriarcal monoteístas (Abreu, 2023), ainda vigentes no ensino de música da rede investigada.

Para o desenvolvimento da pesquisa organizamos quatro eixos específicos de *Conversações em Criação*. Propostos como etapas da pesquisa, envolvem o exercício do corpo-território em performance nas culturas negras assim definidos: a) Conversações em Criação I: somos música em estado de encontro. Espaço da formação continuada semanal das professoras em educação musical realizado dentro e fora do território escolar (5 horas) durante os dois primeiros anos da investigação. Confluir vida de mestres, crianças e professoras. Estudo do Projeto A cor da cultura (MEC). Convivência, oficina e estudo do grupo de pesquisa ALABÊ ONI³. Conhecimento da história e cultura afro-brasileira e africana com lideranças negras da comunidade. Aquisição de um sopapo e formação continuada com Kako Xavier (Casa do Tambor/Pelotas). Show 'Kako Xavier e a Tamborada'. Museu do Percurso Negro de Porto Alegre. Escrita dos Cadernos de Bolso, isto é, relatos digitais na forma de e-book das atividades relevantes da formação; b) Conversações em Criação II: educação musical dimensão epistemológica. Encontros mensais (2 encontros de duas horas de duração por semestre) onde as professoras estudam os conceitos, princípios e bases epistemológicas fundamentais das culturas negras locais em sua musicalidade. Os encontros ocorrem na universidade junto ao grupo de pesquisa. Mediação com Mestre Pingo Borel (Batuque no RS), Mestre Churrasco, Mestre Ratinho e Mestre Paraquedas; c) Conversações em Criação III: educação musical dimensão política e ética. Encontros mensais (2 encontros de duas horas de duração por semestre) onde as professoras estudam os conceitos, princípios e fundamentos da educação musical em sua dimensão política e ética. Visita a quilombos, pontos de cultura e territórios educativos na cidade. Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre v. I e 2; d) Conversações em Criação IV: potencializar re(criações) e composições. Um encontro semestral de 8 horas de duração nos espaços culturais dos parceiros da pesquisa (Ponto de Cultura Biguá, Ponto de Cultura Mestre Borel e Espaço de Criação Musical) para pensar, propor e avaliar formas de habitar o território escolar com culturas negras. Aquisição de tambores sopapo, praiheiro e ilú. Nesta caminhada o encontro com a sambista Pâmela Amaro (Fontoura, 2019) edificou nossas conexões entre africanidades, negritudes e ancestralidades. Os conceitos de cor, raça, etnia, colonização e contracolônização, seguem sendo enfrentado com a urgência do “giro epistêmico e cosmológico afrocentrado, a despeito do mito da democracia racial” (Santos et al., 2022, p. 16).

³ Grupo Alabê Oni: pesquisadores dos tambores gaúchos: Kako Xavier, Tuti Rodrigues, Mimmo Ferreira, Pingo Borel e Richard Serraria. Porto Alegre/RS.

Considerações Finais

A pesquisa está em andamento, mas já conseguimos entender que conceber a formação continuada em educação musical de forma contracolonial e propor experiências de convivência que interpelem a “capoeiragem do pensamento” (Santosb, 2019, p.34) nos modos de fazer-pensar das professoras têm nos mostrado a potência e disponibilidade da escuta coletiva. Essa palavra-corpo que entra na roda, ou a observa, mas que também pensa a ferida no sentido dela cuidar.

Narrativa artesanal singular e plural de estar juntos dentro da escola pública, em contágio, adultos, crianças, acadêmicos e pesquisadores, tendo o golpe como recuo de um corpo, “em vigília constante pela necessidade dos outros” (Skliar, 2020, p.91). Isso porque,

não há lado quando o pensamento é de roda (...) a ginga vai mediando o que vem e as ressonâncias do que acabou de ser. (...) A roda desmantela os inícios e os fins. (...) É luta sem vencedor e dança sem solista; ao mesmo tempo é o que só pode acontecer diante da expressão singular (...). (...) duas pessoas travam um código aguerrido e filosófico de coexistência. A roda indica que, dentro daquele espaço delimitado por uma comunidade (não fixa) é o entendimento que se limita, não as ocorrências.(...) Gingar é desfazer a ideia de contrario e jamais pensar-se maior que a própria translação; é ser menor que a roda, mais que a roda e como a roda(...) A capoeira do pensamento é reivindicação primordial da vadiagem. (Santosb, 2021, p. 89-90)

No movimento circular da roda, a escuta irrompe no corpo em convivência. Brincamos em escuta para estar em pensamento. A escuta é uma técnica que toma o corpo em coletivo e sublinha o dito de nosso ‘bruxo dos sons’ Hermeto Pascoal: “a música é universal e tudo é coisa musical” (Pietroforte, 2006, p.56). Interessa-nos a música das culturas negras porque criada em convivência: no chão dos terreiros, no pátio das igrejas, nas festinhas de aniversário, nas rodas rituais. Essa música que, sendo “uma colcha de recados” (Wisnik, 2004, p.67), reverência a matriz indígena e a matriz africana de nosso povo. Matrizes violentadas e retiradas de suas terras pela terceira matriz formadora da música brasileira, a europeia, que no tempo de convivência sagrada e circular da festa incorpora sua conexão com o sagrado.

A investigação também articula parcerias com distintos projetos dentro da rede municipal (Programa de Educação Sustentável na Cidade; Assessoria Étnico-Racial; Secretaria da Cultura), da universidade (Núcleo de Estudos Africanos, Afro-brasileiros e Indígenas;

Encontro dos Saberes; Pedagogia do Campo) e da comunidade (Afrosul Odomodê; Ponto de Cultura Mestre Borel; SESC; Quilombo Morada da Paz). Os resultados afirmam a potência territorial do corpo em performance como resistência “contracolonial” (Santos, 2023, p.45) na formação continuada em educação musical para subsidiar argumentação reflexiva, efetivar modos de pensar-fazer em *confluência*, garantindo o acesso às políticas curriculares que contemplem epistemologias das culturas negras afrodiáspóricas suas musicalidades, corporeidades e modos de convivência.

Neste momento, já conseguimos entender a diversidade da natureza étnico-racial que compõe o estado do Rio Grande do Sul. Experimentamos a cultura negra gaúcha e (re) conhecemos seus movimentos de presença e confluência política e epistemológica. Já conseguimos escutar dentro da escola pública da infância, narrativas docentes que reconhecem as culturas negras locais, ressoando sua voz ancestral e contemporânea. Inventamos nossas músicas com mestres e músicos negros. Ainda é preciso avançar. Tocar. Expressar. Sentir. Conversar. Sonhar junto. Aquilombar-se nessas narrativas, nessas histórias de lutas e (re)existência para darmos conta que a realidade contracolonial dá origem ao nosso imaginário e, é o imaginário que dá sentido ao mundo.

Referências

ABRAMOWICZ, Anete; SILVÉRIO, Valter Roberto; OLIVEIRA, Fabiana; TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos. *Trabalhando a diferença na Educação Infantil*. São Paulo: Moderna, 2006.

ABREU, Thiago Xavier de. A institucionalização da educação musical no Brasil Império: três aspectos de uma transformação no semino de música. *Revista da ABEM*, v.31, n.1, e31104, 2023 *Em defesa da revolução africana*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1969.

BUENO, Iyá Sandrali. *Pelo direito de ser quem sou: um ser coletivo*. Porto Alegre, RS:Zouk, 2022.

BRASIL. Lei N. 10.639/2003. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: MEC, 2003. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm#:~:text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs> Acesso em: 07 nov. 2023

BRASIL. Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2009. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp->

[content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao- das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf](#)> Acesso em: 09 jul. 2024.

FANON, Frantz. *Em defesa da revolução africana*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1969.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FONTOURA, Pamela Amaro. *Sarar, Sopapar, Aquilombar: o sarau como experiência educativa da comunidade negra em Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2019.

LINO, Dulcimarta Lemos. *Música(s) na(s) Escola(s): conversações em criação*. Projeto de Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Faculdade de Educação, 2021. Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, CEP/Conep. Certificado de Apresentação de Apreciação Ética, CAAE: 52921921.2.0000.5347

MIRANDA, Eduardo Oliveira. *Corpo-território e educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência*. Salvador: EDUFBA, 2020.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. [2004]. *Semiótica Visual: Os Percursos do Olhar*. São Paulo: Contexto, 2006.

QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder e classificação social*. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLASCO/UNESCO, 2005.

RUFINO, Luiz. *Exu e a pedagogia das encruzilhadas*. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 231f. 2017.

SANTOS, Antônio Bispo dos; RODRIGUES, Maria Sueli; RUFINO, Luiz; MUMBUCA, Ana. *Quatro Cantos*. São Paulo: N I edições, 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. [2015] *Colonização, Quilombos: modos e significações*. Brasília: Editora AYÔ, 2023.

SANTOSb, Tiganá Santana Neves. *Capoeirar o Pensamento*. In: OLIVEIRA, Antonio Leal de; RIBEIRO, Marcia; DEL REY, Laura. *CAJUBI: ruptura e reencanto*. Festival Cajubi: ruptura e reencanto. Edição on-line, 23 a 25 fevereiro, 2021. Ebook: PDF: 130; II.

SANTOSb, Tiganá Santana Neves. *Santos. A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil*. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Estudos da Tradução. São Paulo, 2019. 233f.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. *Aprender, ensinar, relações étnico-raciais no Brasil*. *Revista Educação*. Porto Alegre/RS n.3 (63), p.489-506, set./dez. 2009.

SKLIAR, Carlos. *Mientras respiramos* (en la incertidumbre). Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didactico, 2020.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. *Fogo no mato*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SIMAS, Luiz Antônio. *Maracanã: quando a cidade era terreiro*. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

VERAS, Eduardo. *Arte Negra na Escola*. Porto Alegre. In: COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE PELOTAS v. 1, n. 1, 2015. Pelotas. *Anais [...]* Pelotas: UFPEL/CBHA, 2020 [2019]. P.94-99. Disponível em:

<<http://www.cbha.art.br/coloquios/2019/anais/pdfs/Eduardo%20Ferreira%20Veras.pdf>>

Acesso em: 20 de jul.2024.

WISNIK, José Miguel. *Sem receita: ensaios e canções*. São Paulo: Publifolha, 2004.